

## A COPINHA

Como sabem, gosto de futebol, mas daquele raiz. Campinhos esburacados, bola quicando quadrada, chutões para o alto. Quando existirem arquibancadas de cimento duro, que tenham quatro ou cinco degraus no máximo, nada daquelas arenas gigantescas com milhares de espectadores, com camarotes Vips, experiências imersivas e outras bobagens da tecnologia e das SAFadezas que vendem esporte corrompido para as multidões alienadas que chegam a se matar em nome de uma camisa cheia de publicidade e manchada por corrupção deslavada e jogatina online.

Nos tempos do velho estádio da Francana, o “Nhô Chico”, quando o time adversário apertava, o respiro da defesa era representada pela expressão idiomática francana “bola pro cemitério”, que ficava ao lado, numa época que não havia bola de reposição, tinha que ir alguém buscar e demorava. Nos “novos” tempos do combalido Lanchão, cada vez mais esculhambado, agora é “bola no SESC”. Como no ginásio Pedrocão, não há a menor possibilidade de você ter algum conforto nas arquibancadas de cimento duro. Afinal, um estádio com mais de 50 anos sem qualquer modernização o tornaram obsoleto para o século XXI, onde transmissões com uso de tecnologia de ponta levam o espectador a não querer sair do conforto do sofá.

Mesmo assim, um jogo de futebol atrai multidões. Estive lá para ver a Francana tomar uma sapecada de 5x0 do Guarani de Campinas numa tarde ensolarada de janeiro. Como era uma segunda-feira, jogo da Copa São Paulo, a Copinha SP de jovens revelações que, esses sim, queriam um lugar ao sol, pensei que haveria pouca gente. Nada, centenas de pessoas se aglomeravam na fila que andava devagar sob um sol senegalesco porque inventaram o ingresso gratuito por “reconhecimento facial”. Fico imaginando a reunião da cúpula do futebol paulista que decidiu pela “modernidade” e o representante da empresa (algum Musk caipira) que vendeu a tecnologia mostrando as virtudes do sistema e os percentuais para a empresa e para a FPF. A ideia era evitar que os hooligans da Francana se matassem pela Francana emboscando um ônibus campineiro. A venda de água no estádio tinha preços de Graal, um dólar o copo de 200 ml.

Com a bunda quadrada depois de uma hora de futebol, com a Veterana tomando uma tunda homérica, calor de rachar mamona, no intervalo vejo sentar-se ao meu lado um senhor com seu neto. Bati o olho e lembrei, esse cara estudou comigo no primeiro ano primário, em 1959. Dito e feito, perguntei e ele confirmou que, embora não se lembrasse de mim, fez o primeiro ano no Coronel Francisco Martins com a dona Mariana. Fomos alfabetizados juntos. Lembrei dele depois, na adolescência, quando frequentou o IETC e depois nunca mais o vi. Era um dos poucos negros na escola. Virou professor de física, foi lecionar em Sorocaba, Piedade e no final, retornou a Franca, onde se aposentou no mesmo IETC onde estudamos. Mundo tão grande quanto o dos timecos que disputam a Copinha.

O fato é que esse futebol não tem preço, é um campeonato onde estão, além dos grandes times do país, São Paulo e Palmeiras, Vasco e Flamengo, Inter e Grêmio, Cruzeiro e Galo, também tem espaço para clássicos da Moóca como Ibrachina x Juventus na rua Javari ou Capitão Poço x Operário de Ponta Grossa, o time das piadas mais infames do futebol brasileiro. Copinha também é cultura. Descobri que Capitão Poço é uma cidade do Pará, assim denominada em homenagem ao explorador Capitão Possolo, que chegou na região em 1955, hoje grande produtora de laranja. Onde poderia ver o Tuna Luso de Belém jogando, com sua bela camisa ou o Zumbi, que está assombrando os adversários? Vindo das Alagoas, o Zumbi é um time do pai do jogador e milionário Endrick, que se mandou para a Europa recentemente com apenas 18 anos de idade. Ou o Ferroviário do Ceará, que meteu uma camiseta da Prudentina, a mais bonita do campeonato e claro, como a Prudentina dos velhos tempos, foi eliminado na primeira fase. Quem ganhou ou perdeu pouco me importa, viva a Copinha que mantém a aura dos tempos antigos do futebol.

Mauro Ferreira é arquiteto